FOLHA DE S.PAULO
★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 30/06/2022 - 05:59

Acusações de assédio sexual derrubam presidente da Caixa

Acusações de assédio sexual derrubam o presidente da Caixa, Pedro Guimarães

Um dos nomes mais próximos de Bolsonaro no governo, executivo diz ser vítima de 'rancor político'

Marianna Holanda e Matheus Teixeira

BRASÍLIA O presidente da Caixa, Pedro Guimarães, pediu demissão nesta quarta-feira (29), após ser acusado de assédio sexual por funcionárias. A saída dele do governo foi confirmada em uma carta aberta publicada em suas redes sociais.

Uma apuração sobre as denúncias tramita na Procuradoria da República no Distrito Federal. O caso foi revelado pelo site Metrópoles na terça (28). Na mesma noite, Guimarães foi ao Palácio da Alvorada, residência do presidente, ter uma conversa com o presidente Jair Bolsonaro (PL).

No lugar de Guimarães, entra Daniella Marques, braço direito de Paulo Guedes (Economia) e atual secretária de Produtividade e Competitividade da pasta. A troca foi oficializada no Diário Oficial da União no início da noite desta quarta.

Na carta, Guimarães nega as acusações e diz ser alvo de "rancor político em um ano eleitoral".

"É com o mesmo propósito de colaboração que tenho de me afastar neste momento para não esmorecer o acervo de realizações que não pertence a mim pessoalmente, pertence a toda a equipe que valorosamente pertence à Caixa e também ao apoio de todos as horas que sempre recebi do senhor presidente da República, Jair Bolsonaro", diz.

O executivo disse ainda sempre ter se empenhado no "combate a toda forma de assédio, repelindo toda e qualquer forma de violência, em quaisquer de suas possíveis configurações".

Protesto contra assédio sexual na frente da sede da Caixa, em Brasília Gabriela Biló/Folhapress

O agora ex-presidente da Caixa chegou ainda a participar de um evento do banco pela manhã sobre o Plano Safra. Sua presença desagradou a integrantes do governo, que buscavam reduzir o desgaste com as denúncias. A Caixa não se manifestou sobre o caso.

À tarde, uma cerimônia sobre o mesmo tema ocorreu no Planalto. Desta vez, com a participação da Daniella, que ainda não havia sido anunciada. Bolsonaro não se manifestou sobre as denúncias.

Interlocutores no Palácio do Planalto diziam que a manutenção de Guimarães à frente da Caixa se tornou insustentável após os casos surgirem à tona.

As denúncias dão conta de toques indesejados, convites inapropriados, entre outras coisas. À **Folha** uma funcionária relatou ter sido puxada pelo pescoço e ter ficado em choque após o episódio.

Segundo ela, os assédios de Pedro Guimarães aconteciam diante de todos, dentro e fora da instituição. Nos bastidores, integrantes do governo falam em assédio sexual e moral. Há relatos ainda de xingamentos a funcionários.

O episódio é especialmente delicado para o governo, porque ocorre em meio à tentativa do chefe do Executivo de melhorar a imagem com o público feminino, fatia do eleitorado em que registra um dos piores índices de intenção de votos.

Apesar disso, integrantes da campanha de Bolsonaro minimizaram o impacto que as denúncias contra Guimarães têm sobre o projeto de reeleição. Eles ressaltam que a troca teria sido feita de forma rápida, apesar do silêncio do presidente em torno do assunto.

O presidente da Caixa é um dos nomes mais próximos de Bolsonaro no governo. Está no cargo por indicação do ministro Paulo Guedes e ganhou a confiança do chefe do Executivo ao longo do mandato. O banco também ganhou destaque pela operacionalização do auxílio emergencial e do Auxílio Brasil, principais programas sociais do governo.

Guimarães chegou a se colocar na disputa pela vaga de vice na chapa de Bolsonaro que tentará a reeleição neste ano. Também chegou a ser cogitado como substituto de Guedes em momentos de crise na pasta de seu padrinho no governo. Ele se aproximou do mandatário e sua família por ter uma visão de mundo similar à da família Bolsonaro.

Isso ficou claro, por exemplo, quando o STF (Supremo Tribunal Federal) mandou o governo divulgar o vídeo da reunião ministerial em que o ex-ministro Sergio Moro afirmava que ficaria comprovada a interferência de Bolsonaro na Polícia Federal.

No encontro, que ocorreu no início da pandemia da Covid-19, Guimarães fez críticas ao distanciamento social, que era recomendado pelo consenso da unidade científica brasileira e mundial.

Ele criticou o fato de, na época, funcionários estarem trabalhando de casa.. "Tá todo o mundo em home office. Que porcaria é essa?", disse. Também chamou a pandemia de "histeria coletiva".

A proximidade ficou explícita em diversos eventos públicos e nas lives semanais do presidente —ele era um dos mais frequentes participantes das transmissões ao vivo de Bolsonaro nas redes sociais.

Em outro episódio, Guimarães atuou diretamente para evitar que a Fiesp publicasse um manifesto em que demonstraria preocupação com a escalada da crise entre os Poderes em meio às ameaças golpistas de Bolsonaro às vésperas do 7 de Setembro do ano passado.

Leia mais da pág. A18 à A20

Governo Bolsonaro é uma carreata de aberrações, caricatura de si mesma

OPINIÃO

Vinicius Torres Freire

SÃO PAULO Até agora, seis mulheres acusam com detalhes o presidente da Caixa de assédio sexual, de ser um tarado agressivo, pelo menos. Amigão de Jair Bolsonaro, Pedro Guimarães era chamado de "Pedro Maluco" até por assessores do Planalto. Era um eufemismo.

Um secretário da Cultura bolsonariano fantasiou-se de nazista, de Goebbels, em vídeo promocional. Um tipo que ora ocupa a mesma cadeira diz que seu modelo de família é o da máfia e publica fotos segurando uma pistola.

Milton Ribeiro, pastor e doutor teólogo um dia aboletado no Ministério da Educação, deixou que distribuíssem Bíblias com uma foto da fuça dele. Em termos de vulgaridade bolsonarista, é café pequeno, vaidade blasfema, negócio comezinho em um governo que usa santos nomes em vão e em pecados ainda piores. Mas o tipo é pastor e fez mais.

Disse uma vez que crianças tinham de ser educadas com "severidade", até que sentissem dor, insultou homossexuais e afirmava que crianças com deficiência tinham de ser apartadas na escola. Sim, fez parte da linhagem de gente inacreditável que arruinou o MEC. Quem liga?

Quando achava que ninguém estava ouvindo, dizia que acobertava pastores traficantes de influência por indicação de Bolsonaro, uma gente acusada de cobrar propina a fim de liberar verbas para prefeituras. Fora do governo, insinuou que era acobertado por Bolsonaro, que o alertou de uma operação da Polícia Federal.

O pior do Congresso, o centrão do centrão, tomou conta da Codevasf e do FNDE, por exemplo, de onde pipocam escândalos de superfaturamento e propina. O general-chefe da Abin, defensor da tortura, da ditadura passada e do golpe futuro, um dia chamara o centrão de ladrão.

Como muito bem se sabe, em 2018 o general original do samba Augusto Heleno cantou em um caraoquê político do MBL uma paródia de "e se gritar 'pega ladrão', não sobra um, meu irmão". Os líderes do poderoso centrão são os regentes do governo Bolsonaro, contratados a fim de evitar risco de impeachment.

Augusto Heleno não precisa mais gritar: o centrão mora na sala ao lado. No andar de baixo do Planalto, há rezas e louvores. "O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê o lobo aproximar-se, abandona as ovelhas e foge, e o lobo as arrebata e dispersa, porque ele é mercenário e não se importa com as ovelhas" —Evangelho de João.

Por falar em oficiais do bolsonarismo, generais e coronéis especialistas em logística da turma do general Pesadello, flanavam no Ministério da Saúde durante o caos sanitário promovido por Bolsonaro, no maior morticínio da história do Brasil. Confraternizavam na mesa de restaurante com desclassificados que ofereciam negócios com vacina, vacina que de resto Bolsonaro sempre atacou e avacalhou.

O presidente da Fundação Palmares, dedicada à memória da cultura negra, chamou o movimento negro de "escória maldita". "Escória do mundo" era como Bolsonaro chamava imigrantes senegaleses, haitianos, iranianos, bolivianos e sírios, em 2015. Bolsonaro também já lamentou que o genocídio indígena no Brasil tenha sido incompleto.

Ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles é objeto de um inquérito por suspeita de atrapalhar a investigação policial do tráfico de madeira e mais. Um tipo que comandou o Itamaraty, ministro das Relações Exteriores, congratulava-se por o Brasil ser um pária internacional, inspirado pelas ideias de um falecido influencer filosófico de internet, também mentor intelectual de boa parte da cúpula militar, ao menos da declaradamente bolsonarista, que não é de menos. Reclamavam da boca rica dos "políticos" porque, como se viu, não sobrava para eles.

Delegados à frente de inquéritos sobre os Bolsonaro e turma caem. O procurador-geral da República sempre fica: não se move. Etc.

E daí? Nada.

Era só para lembrar apenas parte ínfima do que é o bolsonarismo em ação: cafajestadas, boca-suja, "trozoba na hemorroida", cafonices de ressentidos e fracassados, vulgaridades, insultos contra a diversidade humana, baixo nível intelectual, profissional e acadêmico, destruição institucional, golpismo e projeto de tirania. É um padrão.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado **Caderno:** A **Pagina:** 17

Copyright © Clipclap 2025.